

Do Estado Novo à cidadania europeia

Entre os mais de 13 mil profissionais da Ordem dos Arquitectos, Inês Antunes, 30 anos, e Fernando Peres Guimarães, 87, estão nos extremos: são o membro mais recente e o membro mais antigo. Inês Antunes vive e trabalha em Itália, Fernando Peres Guimarães, trabalhou sempre em Portugal e dedicou a vida aos monumentos nacionais. Seis décadas separam os seus percursos.

Inês Antunes, membro nº 13.069

PROTAGONISTA EUROPEIA

A reflexão sobre os problemas urbanos e sociais das cidades, que caracteriza a chamada «Escola de Milão» desde «a altura dos grandes mestres como Ernesto Nathan Rogers, Aldo Rossi, Giorgio Grassi, Vittorio Gregotti, entre outros», levou Inês Antunes a ingressar na Faculdade de Arquitectura do Politécnico daquela cidade. Outras razões para rumar a Itália foram os conhecimentos da língua, a relação que «a faculdade mantém com a arquitectura em Portugal» e «a vontade de ser protagonista de uma Europa cada vez mais unida». Inês Antunes, 30 anos, membro mais recente nos registos da Ordem dos Arquitectos, nasceu em Lisboa, em 1975, e licenciou-se em 2002. Apresentou uma tese sobre a zona ribeirinha de Lisboa, orientada por Remo Dorigati e Manuel Graça Dias, em que propôs um sistema de relações entre a cidade, o porto e o rio, «de modo a que toda a área de intervenção se tornasse no espaço público da cidade». Em 2002, tornou-se membro da Ordem dos Arquitectos de Roma.

Actualmente desenvolve estudos, projectos e concursos de arquitectura no atelier RicciSpaini (Roma), onde realizou um estágio profissional em 2003. Tem a sua própria actividade com o arquitecto Ivan de Sousa, outro licenciado pelo Politécnico de Milão, com o qual fundou a [i]da arquitectos – para elaborar uma proposta de valorização da área «Piazzale delle Provincie», na capital romana. Inês Antunes considera-o o projecto mais significativo em que participou. Foram escolhidos 10 ateliers entre 104 jovens candidatos, para apresentar uma reconversão de uma área degradada de Roma com seis hectares. «O programa obrigava ao redesenho da área através de novas e melhores dotações de espaços públicos, zonas de serviços e áreas verdes, tudo com custos muito limitados». Os projectos apresentados «vão servir de base à elaboração do plano de reconversão definitivo da área».

É também com Ivan de Sousa que prossegue uma pesquisa sobre aspectos da cultura urbana actual, focada nas cidades de Lisboa e Roma. Inês Antunes afirma acompanhar de perto a arquitectura internacional e portuguesa, desde logo porque a circulação da informação em Itália «é muito grande». Mas também porque «enquanto estudante, sempre aproveitei a oportunidade dos trabalhos livres de carácter teórico para aprofundar os meus conhecimentos sobre a arquitectura em Portugal», caso da tese de licenciatura.

Regista, também, o interesse pela arquitectura nacional. «Lembro-me das várias exposições e conferências na Basílica Paladiana em Vicenza, em particular a de Álvaro Siza Vieira, onde, com alguma emoção, vi a multidão que estava presente para assistir, o que me levou a ter de ver a conferência pelo ecrã da entrada. Ou as exposições sobre arquitectos portugueses na Triennale de Milão». O trabalho «Três

gerações de arquitectos em confronto», sobre Fernando Távora, Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, que realizou para uma disciplina do curso, «incentivou-me a visitar todas as suas obras».

Além das actividades referidas, alguns trabalhos de Inês Antunes foram publicados em livros, revistas e catálogos italianos e espanhóis. Entre os projectos e concursos em que participou, estão os concursos internacionais para o «Istituto Zooprofilattico Sperimentale», em Teramo (2003-2005), que obteve o primeiro prémio e a valorização do Teatro Romano de Spoleto (2005), que ganhou o terceiro lugar; o projecto de reestruturação da estação de Arcore (2004), que está em realização; o projecto para a exposição «Atlante Italiano 03», em Roma (2003), já realizado, todos com RicciSpaini. Ou ainda o concurso europeu para o projecto de pedonalização da «Piazza di Corte», uso da Ponte Monumental e recuperação da área arqueológica em Ariccia (2003), com Ivan de Sousa.

Se parece certo que, para Inês Antunes, a investigação vai decorrer a par da elaboração de projectos, o mesmo não se pode dizer de um eventual regresso a Portugal. «O que, de um modo particular, me condicionou a iniciar a profissão de arquitecta em Itália foi a dificuldade no acesso à profissão em Portugal».



Fernando Peres Guimarães, de pé, ao centro. À esquerda, o arquitecto Elísio Summavielle Soares. Cascais, 1958 Fotografia da colecção de Elísio Summavielle Soares, gentilmente cedida pela Direcção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Fernando Peres Guimarães, membro nº16; membro honorário

A VIDA NOS MONUMENTOS

Fez praticamente o percurso na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e quase toda a vida em Lisboa. Mas nasceu no Porto há 87 anos. Fernando Peres Guimarães, membro honorário e o mais antigo inscrito na Ordem dos

Arquitectos, diz que veio a Lisboa para ajudar amigos com os desenhos para o trabalho final do curso de arquitectura. Veio para ficar uns dias. Chegou na véspera de um feriado de Santo António e ficou toda a vida.

«Nunca fui muito ambicioso pelo dinheiro. Sinto que ajudei a modernizar os serviços por onde passei. Fiz o que quis, quando quis e saí quando quis». Pediu a aposentação em 1983, três anos depois de ter sido nomeado inspector superior das Obras Públicas. Entre 1963 e 1965 tinha sido presidente do Sindicato dos Arquitectos, uma das organizações que antecedeu a Ordem. Fala com sentido de humor e com despreendimento. Nota-se que ama a liberdade de pensar por si. A Igreja do Bairro da Encarnação (um bairro lisboeta de pequenas moradias projectado pelo arquitecto Paulino Montez em 1940) é um «dos poucos projectos que assinei ao longo da vida». A sua construção estava a ser pacífica até ser visitada pelo ministro das Obras Públicas, Frederico Ulrich, que embirrou com os altares. Achava que eram pequenos demais.

- Nestes altares não se pode dizer missa.
- Pode, pode senhor ministro.
- Já alguma vez ajudou à missa?
- Não. Só fui à missa quatro ou cinco vezes, levado pelos meus pais, quando era pequeno.
- É por isso com certeza que projecta altares destes.
- Não senhor ministro, é porque sou arquitecto.

Azedo, Ulrich virou costas. «O meu director-geral, um homem leal [Engenheiro Gomes da Silva] perguntou-me se eu tinha a certeza que os altares iam servir. Dei-lhe fotografias de altares idênticos, dos quais ninguém se queixou». Frederico Ulrich mandou dizer que, sempre que fosse visitar a igreja, não queria ver por perto o arquitecto.

No dia da inauguração, Fernando Peres Guimarães foi para o coro e não se cruzaram. «Aproveitei para apreciar a acústica». Mas só então ficou a saber que Ulrich tinha mandado demiti-lo. O que só não aconteceu, porque o director-geral disse que sairia também. «Um gesto raro, em qualquer altura».

O director-geral já tinha mostrado o seu apreço pelo arquitecto, cujo currículo na PIDE assinalava o apoio à candidatura do general Norton de Matos (final dos anos 40). Por isso, ingressou na DGEMN como «arquitecto assalariado» e só viria a integrar a estrutura mais tarde. Pode parecer risível, mas quando Fernando Peres Guimarães chegou à DGEMN e foi liderar a direcção regional de Évora, em 1947, era o único arquitecto para vistoriar todos os monumentos do Alentejo e Algarve. No tempo em que esteve em Évora, valeu-lhe Mário Tavares Chicó, referência da História da Arte e da Museologia. Colaboraram na renovação do Museu de Évora nos anos 40. «Ele foi um espantoso curso de pós-graduação».

Já nos serviços centrais de Lisboa da DGEMN, foi «obrigado» a viajar e em reuniões internacionais chegaram-lhe novas ideias sobre conservação, quando a literatura sobre o assunto era escassa. Empenhou-se na reformulação dos procedimentos, bem como do próprio acervo da instituição, numa altura em que o inventário dos monumentos ainda não contemplava, por exemplo, a descrição das obras de recuperação realizadas. Participou no desenho de muitos monumentos que fazem parte do inventário da DGEMN, coligido em boletins e hoje disponível na Internet.

Um longo percurso tinha sido percorrido desde que acabou o curso na Escola Superior de Belas-Artes em 1945 até aos anos 70. A tempo de viver, após a Revolução, a

discussão (muito participada) das intervenções a realizar. No Valado, Nazaré, a população quis fazer um monumento ao 25 de Abril. A DGEMN organizou o concurso, ao qual chegaram propostas muito idênticas, excepto uma, menos óbvia, «muito bonita». Fernando Peres Guimarães recorda, com agrado, que foi essa a preferida pela população. «O contacto com as pessoas era muito estimulante».

O projecto de renovação do Palácio dos Coruchéus como espaço para artistas jovens, os estudos para os museus de Arte Sacra da Misericórdia e Antoniano, em Lisboa, são seus. Diz de si que «se restaurou, juntamente com os monumentos», comentando o aspecto ágil que mantém. Sobre a arquitectura actual ou sobre exposições e imagens do presente, teve o seguinte comentário: «Como dizia o arquitecto Januário Godinho, já estou chateado de tanta beleza. Mostrem-me uma coisa feia».

Maria José Estanco, a primeira arquitecta

Marília. Este nome esteve na origem da história que tornou Maria José Estanco na primeira arquitecta portuguesa. Não foi assim há tanto tempo. Em 1942, concluiu a licenciatura com o projecto de um jardim-escola no Algarve e pôs um pé numa área dominada, à altura, por cerca de uma centena de homens. A revista «A Arquitectura Portuguesa» escreveu, solenemente: «Acaba de ser concedido pela primeira vez em Portugal o diploma de arquitecto a uma senhora». Quem decidiu foi um júri só de homens. Voltando a Marília. Há aquele poema «Marília de Dirceu», de Tomás António Gonzaga, que influenciou o nome. A Marília de que falamos é uma cidade a oeste do Estado de São Paulo, no Brasil, que Maria José Estanco visitou. Estava no Brasil para ver a irmã mais velha (veio de uma família de quatro irmãos).

Marília, que antes se chamava Alto do Cafezal, fica a 675 metros de altitude. Era uma terra de ninguém, mas de óptima qualidade, localizada entre dois rios, nos primeiros anos do século XX. Como diz o topónimo Alto do Cafezal, a base do seu desenvolvimento foi a cultura do café.

Na década de 30 teve um grande crescimento, ligado à instalação de fábricas. Maria José Estanco assistiu, impressionada. «Vi nascer uma cidade de raiz, Marília, ladeando uma linha férrea que se estava a planear», disse em entrevista à revista «FACES de Eva», (publicada em 1999). «O ter assistido ao nascimento daquela cidade foi determinante na minha decisão de seguir este rumo [arquitectura]». Marília ganhou o novo nome por influência do poema, mas não só. A expansão da industrialização para o interior, à custa da ferrovia que Maria José Estanco viu nascer, estava a criar um conjunto de sítios que iam sendo baptizados seguindo as letras do alfabeto. E acontece que, ali, era a vez do M.

Nascida em Loulé, a 26 de Março de 1905, Maria José Estanco faz a escola primária e o liceu em Faro. Quando tinha cinco anos, o pai foi para o Brasil. No liceu, havia apenas oito raparigas, três das quais irmãs. No fim do liceu, veio para Lisboa e frequentou um curso para professores de desenho. Começou, também, a dar aulas, para ajudar financeiramente a família. Ao regressar do Brasil, começou a frequentar o curso de arquitectura. Porque os cursos de arquitectura e pintura eram leccionados no mesmo edifício, viria a conhecer o pintor Machado da Luz, futuro marido, com quem partilhou o atelier durante muitos anos. Um dos seus professores foi o arquitecto Luís Cristino da Silva.

A vida de Maria José Estanco foi mais preenchida com o ensino do que propriamente

com a arquitectura: no liceu Passos Manuel, no liceu portuense Carolina Micaelis, e no Instituto de Odivelas, até à aposentação. Na referida entrevista, afirmou que o seu «único grande projecto arquitectónico foi uma moradia em São Pedro de Muel». Viria a ser homenageada no quinto congresso da Associação de Arquitectos Portugueses (Coimbra, 1989).

Maria José Estanco voltou a Marília, 50 anos depois. Disse à revista «FACES de Eva» que lhe mostraram uma fotografia sua «tirada no dia da festa de inauguração da cidade». Marília tem hoje quase 200 mil habitantes, esmagadoramente urbanos e alfabetizados, e concentra várias indústrias de produção de alimentos. Na Ordem dos Arquitectos, quase 40% dos inscritos são mulheres.

Crédito das fotos: direitos reservados

Textos: António Henriques